

IMAGENS VIRTUAIS HUMORÍSTICAS COMO ESTRATÉGIA DE COMUNICAÇÃO AMBIENTAL

Emanuel de Oliveira Dias¹
Andréa Carla Leite Chaves²

1. Professor de Biologia / Mestrando em Ensino de Ciências e Matemática. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC / MG. professoremanueldias@gmail.com
2. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC / MG. andreacarlachaves@gmail.com

RESUMO

O trabalho descreve como imagens produzidas por alunos do ensino fundamental e ensino médio de duas escolas do leste mineiro podem ser empregadas no contexto da comunicação ambiental e da divulgação científica. O objetivo foi promover, a partir dessas produções, a reflexão e possível mudança de postura, tanto dos estudantes como da comunidade local, a respeito do desmatamento, das queimadas e da destruição da fauna, em busca de uma sociedade sustentável e capaz de questionar e pensar sobre essas questões. Para isso estruturou-se uma sequência didática, realizada em 10 aulas, em três momentos pedagógicos: a problematização, a organização dos conhecimentos e a aplicação do conhecimento. A partir dos saberes prévios dos alunos, utilizou-se vídeos, práticas no laboratório de informática, aula de campo, conversa com a comunidade, criação e compartilhamento de imagens. Como resultado foram produzidas pelos estudantes 42 imagens humorísticas. Após as publicações individuais das imagens no WhatsApp, os estudantes socializaram os resultados e os principais comentários dos usuários em geral. Observou-se que as postagens geraram grande repercussão local e que promoveram uma reflexão sobre questões ligadas ao meio ambiente contribuindo assim para a comunicação ambiental. Destaca-se que intervenções multidisciplinares em relação a recursos naturais são emergentes nas localidades das escolas envolvidas. A pesquisa ressaltou, ao longo da sua execução e divulgação, uma preocupação especial com a educação ambiental não reducionista que aproxima a população de forma igualitária dos debates ambientais.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Comunicação Ambiental; Redes Sociais.

Introdução

O desmatamento, as queimadas e a destruição da fauna são ações frequentemente naturalizadas que, de modo geral, não passam pelo crivo da reflexão social. Isso pode ser constatado no cotidiano da maior parte das cidades brasileiras e acompanhado nos próprios noticiários. De acordo com Brito (2017), são inúmeras as ações criminosas, as quais são pouco fiscalizadas e muitas vezes até pensadas de forma inocente, como é o caso de moradores de algumas localidades mineiras que colocam fogo na mata para se proteger de animais peçonhentos.

Como suporte de pesquisa, temos duas escolas mineiras com um aspecto comum compartilhado: o uso de redes sociais. Estudantes estão cada vez mais conectados o que, para Pierre Lévy (2010), faz com que vivenciem uma mutação da relação com o saber, seja acessando e postando, seja consumindo diariamente mídias virtuais. No entanto, quando resgatamos esse tópico no contexto ambiental, apesar do poder comunicativo das redes digitais ser imensurável, não percebemos o engajamento necessário dos alunos em causas ambientais. Aliás, muitos desconhecem a fauna e flora locais.

Assim sendo, a problemática central desta pesquisa nasce no ponto de interseção em que, de um lado, temos o meio ambiente que precisa ser discutido em todas as esferas sociais; e do outro, estudantes com potenciais ferramentas de comunicação e divulgação nas mãos que também precisam (re)conhecer a importância da temática ambiental. Fazendo referência ao Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA), há uma necessidade de elaboração de estratégias eficientes para produzir e disponibilizar as informações ambientais para toda a população, ou seja, é preciso criar meios que aproximem o conhecimento produzido pela comunidade científica aos mais variados públicos (BRASIL, 2008).

Mas, como promover a reflexão de questões ambientais, inicialmente com os estudantes e depois com toda a comunidade, abordando principalmente as questões associadas ao desmatamento, queimadas e destruição da fauna local, utilizando recursos digitais? Uma alternativa possível para esse problema é o uso das redes sociais, que por intermédio da criação e compartilhamento de imagens podem levar à reflexão e até mesmo a mudanças de postura.

Sustentamos essa hipótese com base nas ideias apresentadas por HERRERO (2017) e GRAGNANI (2018), que mesmo com focos de pesquisas distintas, concluem que as ações em redes sociais, inclusive por meio de representações visuais, não são atos inocentes, mas moduladores do senso comum e influenciadores das atitudes das pessoas, mesmo que o usuário não tenha essa intenção.

Abordando outra pesquisa, desta vez mais centrada na questão ambiental, conduzida por Dobrin & Morey (2009), demonstra-se que as chamadas *ecoimagens* possuem alto impacto nas decisões das pessoas. Essa preocupação investigativa gerou uma corrente científica apelidada de “eco-olhar”, que busca compreender como as imagens sobre a temática ambiental influenciam a compreensão e consciência das pessoas, bem como sua capacidade de mobilizar e estimular ações favoráveis a uma sociedade sustentável.

Embora esses trabalhos sejam extensos e abordem a influência de diferentes mídias para diferentes formas de comunicação, a utilização exclusiva de imagens humorísticas no contexto escolar, criadas e compartilhadas por estudantes via WhatsApp, mostra um campo a ser explorado na comunicação ambiental. Esse tipo de mídia foi escolhida por ser objetiva, de fácil compreensão e facilmente difundida nas redes, traduzindo as necessidades comunicativas dos interagentes (CALIXTO, 2017).

Portanto, nesse trabalho, optou-se pela criação, divulgação, e reflexão de imagens virtuais humorísticas criadas ou adaptadas pelos estudantes relacionadas ao contexto

ambiental local das cidades mineiras de Ubaporanga e Caratinga. A proposta foi desenvolvida em duas escolas estaduais e se expandiu para os bairros e comunidades da zona rural.

Objetivo

O objetivo desse trabalho foi promover a reflexão sobre questões ambientais e comunicar ideias favoráveis à preservação, principalmente aquelas associadas ao desmatamento, queimadas e destruição da fauna local, por meio de imagens virtuais humorísticas compartilhadas via WhatsApp, criadas por estudantes do primeiro ano do ensino médio e nono ano do ensino fundamental II.

Metodologia

Como esse trabalho está direcionado primariamente a estudantes do ensino fundamental II e ensino médio, optamos por ações que priorizam a aprendizagem baseada nos saberes cotidianos deles. Buscou-se associar atividades diárias, classificadas por eles como recreativas, como ponto central da proposta, permitindo situações de pesquisa, questionamento e reflexão.

O estudo foi desenvolvido com 79 estudantes, em duas escolas estaduais da região leste de Minas Gerais: a Escola Estadual Dom Cavati (escola 1), localizada no município de Ubaporanga e a Escola Estadual Sinfrônio Fernandes (escola 2), localizada no município de Caratinga. Na escola 1, as atividades foram realizadas durante as aulas de Biologia com 28 alunos do 1º ano regular. Na escola 2, as atividades foram realizadas durante as aulas de Ciências com duas turmas de 9º ano, totalizando 51 alunos. Esse projeto estava previsto no planejamento bimestral e ocorreu no mês de março e abril de 2019, com a frequência de uma aula semanal dedicada à proposta.

Posto isso, a motivação inicial deste trabalho partiu da observação diária do uso de redes sociais, em especial do *WhatsApp*, nas três turmas participantes. Apesar de pertencerem a instituições de ensino diferentes, as turmas envolvidas neste trabalho se conheciam, pois já haviam realizado outros trabalhos juntos.

Alguns princípios de sequências didáticas discutidas por Zabala (1998) foram incorporados nesta metodologia, já que, com esse tipo de abordagem, é possível organizar com os alunos e de forma gradual, as etapas necessárias para alcançar o objetivo geral.

Utilizou-se ainda a organização de Delizoicov (2011). Para isso, foram necessárias 10 aulas, estruturadas em três momentos pedagógicos (MP) bem delimitados: Problematização (A), Organização do conhecimento (B) e Aplicação do conhecimento (C), conforme descrito no quadro 1.

Quadro 1– Sequência de atividades realizadas com as turmas em cada etapa do processo

MP	ETAPAS	ATIVIDADE	Nº DE AULAS
A	1º etapa	Apresentação da proposta e levantamento dos conhecimentos prévios	1
A/B	2º etapa	Exibição de vídeos sobre a temática meio ambiente	1
B	3º etapa	Laboratório de informática – a potencialidade das imagens virtuais	2
C	4º etapa	Aula de campo – conversa com os moradores	2
C	5º etapa	Laboratório de informática – criação das imagens humorísticas	2

C	6º etapa	Compartilhamento das imagens elaboradas	2
----------	-----------------	--	----------

Fonte: Elaborado pelo autor com base nas ideias dos alunos na 1º etapa (explicado nos Resultados)

Após a conclusão da etapa 6 todos os estudantes foram reunidos e apresentaram suas principais produções, a influência das aulas no cotidiano deles e das pessoas que comentaram, além das impressões diversas que surgiram ao longo do projeto.

Resultados e Discussão

Na primeira etapa desta pesquisa, foram apresentados os objetivos que norteariam as atividades da sequência didática e, em seguida, ocorreu a problematização a partir de palavras ditas pelos alunos e de outras já previamente selecionadas pelo professor. Esse momento foi importante para aproximar a proposta do trabalho às situações reais que os alunos conhecem, proporcionando uma real participação dos mesmos. (FREIRE, 1975)

As seguintes palavras foram anotadas no quadro: Preservação; Meio Ambiente, Muriqui, Memes, *WhatsApp*, Desmatamento, Queimadas, Fauna Local, Lixo, Poluição, Conscientização, Cultura, Humor, Divulgação, Ciência e Futuro. A mistura de termos foi intencional.

Inicialmente, os alunos apenas foram aconselhados a olhar para cada palavra e refletir sobre seus significados de forma isolada e depois em conjunto. Posteriormente, os estudantes sentaram-se em duplas e compartilharam suas percepções sobre as palavras escritas no quadro. Nos 20 minutos restantes de aula, foi montada uma roda de conversa e cada dupla apresentou suas hipóteses sobre as relações entre as palavras.

Após esse primeiro momento, cada turma criou um texto colaborativo, contendo: as ideias dos grupos; propostas para desenvolvimento das aulas seguintes e termos que foram menos mencionados durante o diálogo. Um copilado dos textos de cada turma foi criado, as atividades compatíveis com a proposta foram incorporadas e os termos menos frequentes serviram como base para seleção de vídeos utilizados na etapa seguinte. Um aluno do 1º ano (escola 1) mencionou no fim da etapa 1: “Achei interessante essa forma de organizar a aula, muitas pessoas repensarão algumas posturas, principalmente com esses memes. Isso espalha rápido”.

Essa sensação mencionada pelo aluno acontece devido à autonomia concedida a ele no processo de construção da aula. Incluir o aluno no planejamento das aulas é reconhecê-lo como sujeito ativo em seu processo educativo. Por essa razão, o estudante não apenas executou a problemática ambiental; ele também fez parte do processo de produção (FREIRE, 2004).

Na etapa 2, foram pesquisados e selecionados previamente sete vídeos no *site* Youtube, conforme mostra o quadro 2, que tiveram o objetivo de enriquecer os saberes das turmas em relação a proposta do projeto. O critério adotado para selecionar os vídeos esteve pautado no copilado das turmas (etapa 1), buscando sanar ou incorporar conhecimentos em relação aos termos menos mencionados na etapa anterior. Os vídeos também buscaram incorporar informações ao trabalho para que as produções e discussões subsequentes não ficassem na subjetividade ou tampouco na superficialidade da temática ambiental.

Quadro 2 – Vídeos do Youtube utilizados para incorporar ideias em relação aos termos desconhecidos ou pouco mencionados pelos estudantes na etapa inicial do projeto.

TÍTULO	TEMPO	DISPONÍVEL**
Série Ecologia: queimadas e desmatamento	00:04:33	DhkKpiWnW0w
O muriqui	00:11:43	TyHfQGxOSFI
Melhores memes (imagens) South American	00:02:49	CpqqTKVysdk

Crimes Ambientais: Quais as Consequências?	00:07:15	FiyJkqhd_2I
MAN	00:03:36	WfGMYdalCIU
Não jogue sal nos sapos! (com Sérgio Rangel)	00:07:05	1LCe3EgZk7I
Brasil contra a biopirataria na Amazônia	00:10:10	AXQiUQTfFofQ

Fonte: Elaborado pelos autores

** Para acessar os vídeos basta acrescentar o texto ao final do link <https://www.youtube.com/watch?v=TEXTOAQUI>

Quando os vídeos são criteriosamente selecionados, com linguagem adequada, qualidade nas imagens, nos áudios e existe sintonia do conteúdo abordado com os objetivos de um trabalho, esses são capazes de fomentar a alfabetização audiovisual, a criticidade e a busca da reflexão (BURGESS e GREEN, 2009), aspectos essenciais para as atividades propostas neste projeto.

Devido à simplicidade dos vídeos, a curta duração e o fato de estarem adequados a todos os requisitos mencionados no parágrafo anterior, notou-se participação e interação com os audiovisuais pela maior parte dos alunos. Inclusive, foi necessário pausar os vídeos em alguns momentos, pois muitos alunos ficavam empolgados e comentavam alguma fala ou imagem assistida. Cabe registrar que nessa etapa da sequência didática, os vídeos deveriam ser melhor explorados, permitindo que os alunos comentassem e interagissem com as informações apresentadas de forma mais livre.. Isso poderia gerar, por conseguinte, um momento mais significativo para aquisição do conhecimento por parte dos alunos.

Na etapa 3, buscou-se compreender com mais consistência a construção de uma imagem virtual humorística e quais os aspectos as fazem ser compartilháveis ou não. Para o desenvolvimento de um estudo sólido foi utilizado o texto traduzido da página 66 do livro “*Memes in Digital Culture*”, da pesquisadora Limor Shifman (2014). Após a leitura, os alunos realizaram pesquisas virtuais em busca de padrões que poderiam aumentar as chances do compartilhamento de uma imagem. Como culminância desta etapa, cada estudante selecionou 5 imagens, associadas à temática ambiental, que considerou com potencialidade para *viralizar*.

Em conversas informais durante as aulas e no recreio, percebeu-se que os estudantes haviam estruturado boa parte dos saberes essenciais para construção de uma imagem engraçada e que, ao mesmo tempo, promovesse a reflexão ambiental. Contudo, ainda faltava conhecer a percepção da comunidade local sobre as questões ambientais. Afinal, apenas dessa forma o produto teria as raízes da comunidade e maior chance de ser propagado e contribuir para a discussão dessas questões. Esse foi o objetivo da etapa seguinte.

Na etapa 4, os estudantes foram organizados em equipes de 3 a 5 membros. Na escola 2 os estudantes das duas turmas foram misturados. Essa etapa e as seguintes mantiveram essas equipes e foram realizadas em duas aulas cada. As equipes conversaram com os moradores, como mostra a figura 1, buscando registrar qual era a percepção da população local em relação aos seguintes temas: Preservação Ambiental; Fauna Local, Queimadas e Desmatamentos. As equipes foram orientadas a manter o diálogo o mais espontâneo possível, cientes de que essa etapa seria fonte para inspirar as produções da etapa seguinte.

Figura 1 – Equipes de estudantes conversando com moradores na etapa 4 do trabalho



Um aspecto importante nessa etapa e na etapa seguinte foi a construção de conhecimento de forma colaborativa. Notamos que as atividades em grupo geram ganhos importantes na aprendizagem, uma vez que as buscas individuais se concentram apenas na coleta de fatos, enquanto pesquisas colaborativas exploram profundamente as ideias e suas diferentes perspectivas (SOUZA, 2019).

Na etapa 5, as equipes ficaram livres para utilizarem os computadores do laboratório de informática ou celulares e também utilizar editores de imagens como o *Gimp*, *Inkscape*, *Canva*, *Imgur*, *Pizap*, *Cymera*, *Picsart* e *Meme Generator*. A proposta nesta etapa era criar algumas imagens humorísticas, com foco central nas temáticas: desmatamento, queimadas e preservação da fauna local, conforme pode ser verificado na figura 2.

Figura 2 – Equipes de estudantes pesquisando e criando imagens engraçadas sobre a temática ambiental na etapa 5 do trabalho.

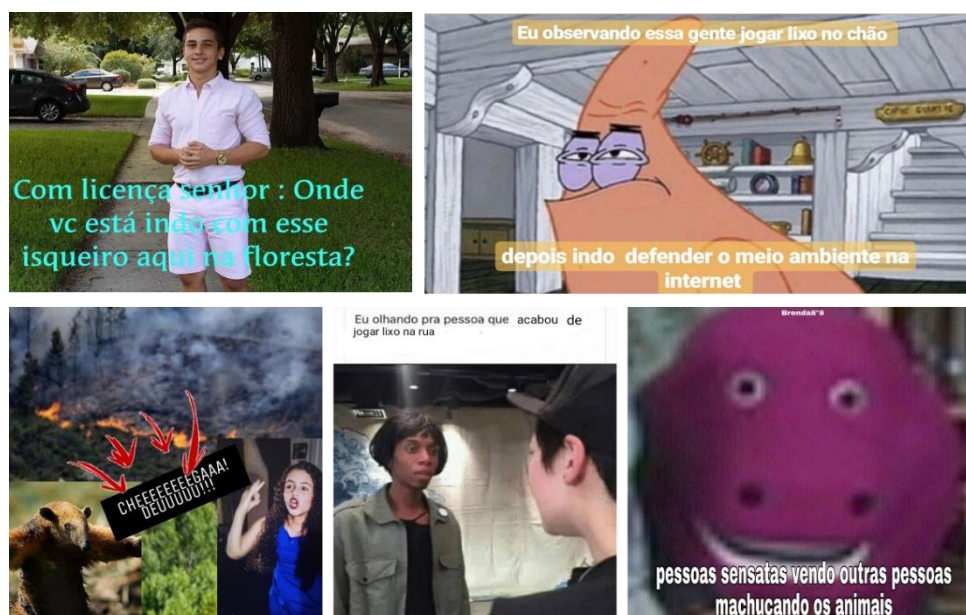


Os alunos ficaram bastante envolvidos com a atividade e não perceberam os registros fotográficos feitos pelo professor. Essa situação é descrita na literatura como experiência lúdica, na qual o aluno se encontra muito entretido com a proposta que toda a sua atenção e foco se concentram ao objeto analisado (LUCKESI, 2002).

Esse acontecimento foi um dos indicativos da percepção da construção do conhecimento e da reflexão ambiental (objetivos deste trabalho). Independentemente de acertos ou erros, o essencial neste momento era a própria experiência de busca, criatividade e a construção coletiva.

Nesta aula, em todas as turmas, foram criadas dezenas de imagens. Na maioria dos casos, as figuras estavam disponíveis no ambiente virtual e sofreram alterações no texto para se adequar aos objetivos propostos. A figura 3 mostra algumas imagens e textos produzidos pelos alunos.

Figura 3 – Textos elaborados pelos alunos sobre a temática ambiental adaptados a imagens retiradas da internet



Na produção dos estudantes se destaca o letramento digital, uma vez que os alunos se apropriam de diferentes mecanismos da língua escrita, em especial a ironia, para expressar a mensagem, nesse caso, ambiental. (SOARES, 2002)

Antes da etapa 6 (socialização da produção), muitos grupos enviaram as imagens produzidas, no privado, para outras equipes e para o professor/pesquisador, buscando ideias para aprimoramento. Considerou-se, destarte, que a etapa 6 iniciou-se nesse momento, de modo virtual.

A figura 4 ilustra a evolução de uma imagem criada por uma equipe. Em A, o produto é repleto de elementos de outros *sites* e as imagens são distantes da realidade local; após a primeira socialização e baseado nas sugestões (do professor e de colegas), a equipe produziu a imagem B que contém fotos do município e foram feitas pelos próprios integrantes da equipe. Por fim, após inúmeras imagens compartilhadas, sugestões e exemplos diversos, um dos integrantes decidiu retirar a parte textual e colocar a própria imagem.

Figura 4 – Evolução de uma imagem criada por uma equipe de estudantes a partir de socializações que ocorreram na etapa 6 do trabalho.



Na aula reservada para culminância, houve mais uma socialização das imagens, em que cada equipe expôs suas produções para os demais alunos e efetuaram-se as alterações, que consideraram pertinentes. Criou-se um grupo com todos os alunos envolvidos no projeto e todas as imagens finalizadas foram enviadas por seus respectivos autores. As imagens foram compartilhadas nos *Status do WhatsApp* de cada aluno e foi solicitado que fizessem um

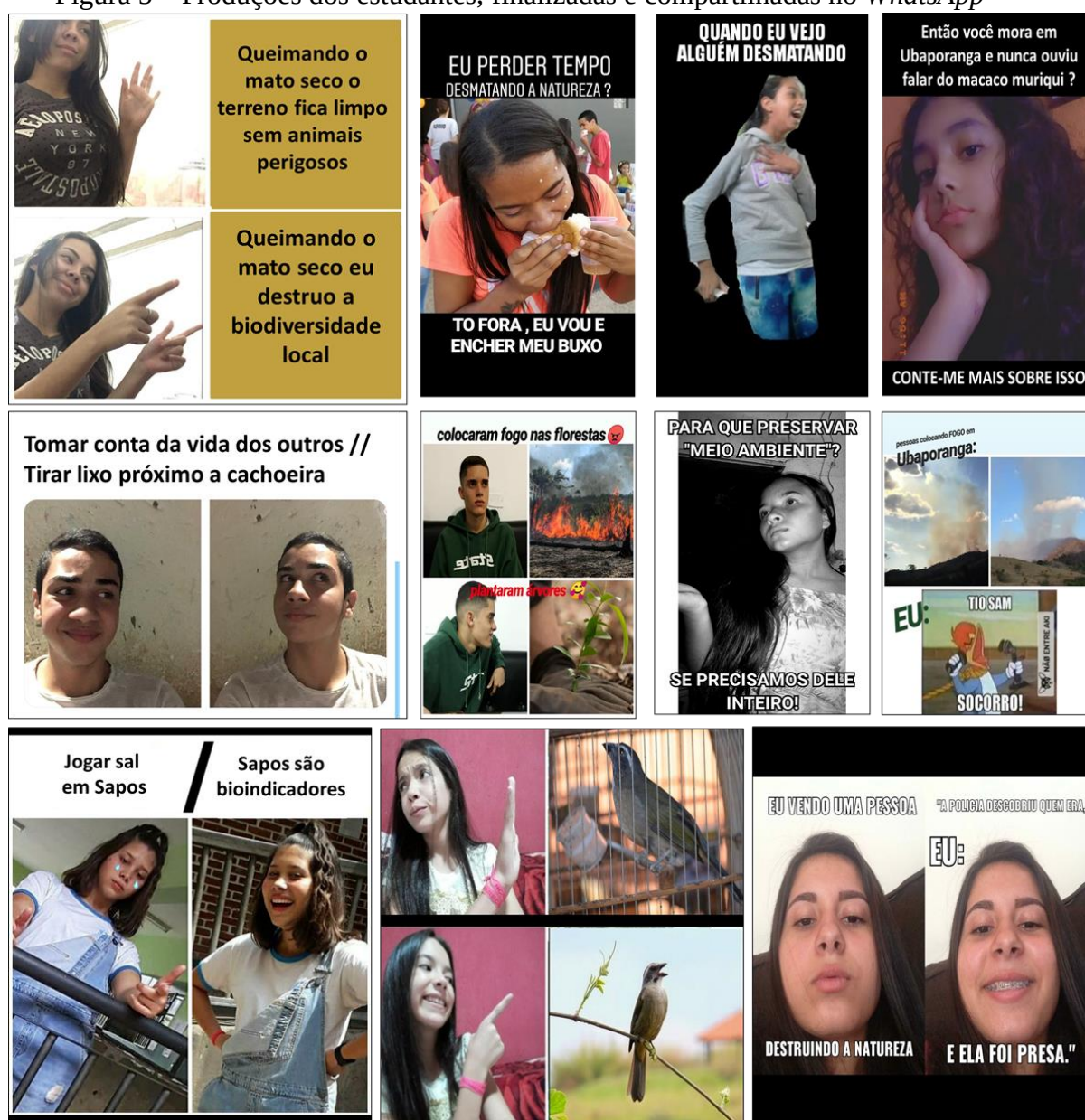
relatório com as percepções dos contatos que comentaram e/ou compartilharam os arquivos para posterior socialização.

Foram criadas/compartilhadas 42 imagens, sendo 11 produzidas por alunos da escola 1 e 31 por alunos da escola 2. Não foi possível registrar quantas vezes cada imagem foi compartilhada devido à imprecisão do número de postagens de cada aluno, considerando que muitos não registraram as vezes que o fizeram.

As imagens produzidas e compartilhadas possuíam linguagem simples, porém abordaram de forma consistente as questões ambientais. Por termos salvado os contatos de muitos alunos no celular percebemos que, durante a semana em que os compartilhamentos foram realizados, diversos outros alunos (não envolvidos com o projeto) e o público em geral (funcionários da escola, amigos e familiares) também compartilharam imagens com a temática ambiental ou as próprias produções dos alunos, muitas vezes sem saber que se tratava de um projeto de comunicação ambiental.

Devido ao grande poder de disseminação de arquivos virtuais em rede, não foi possível discutir neste tópico todas as conversas que partiram das produções. Mas, pela narrativa dos alunos e comunidade, acreditamos que muitas tenham gerado amplos debates, mesmo que alguns desses tenham ficado apenas na subjetividade das temáticas ambientais. Na figura 5, estão apresentadas imagens que tiveram maior aceitação e compartilhamento por parte das pessoas, várias dessas ainda são comumente utilizadas em redes sociais. Esse resultado já era previsto com base nas pesquisas de Escalante (2016).

Figura 5 – Produções dos estudantes, finalizadas e compartilhadas no *WhatsApp*



Após o processo estudo, de criação, reformulação e compartilhamento das imagens foi realizado um momento de discussão geral com os participantes do projeto. Cada estudante apresentou as situações mais marcantes e qual foi o impacto percebido pela atividade, respondendo se considerou a ação válida, se ela contribuiu de algum modo para divulgação do conhecimento científico e se perceberam algumas mudanças de postura da comunidade em geral. Ao final, cada equipe organizou um consolidado com informações das imagens mais difundidas e das reflexões individuais dos integrantes a respeito da proposta de comunicação ambiental.

Os principais comentários realizados nas postagens das imagens estão apresentados no quadro 3. Foram divididos em grandes áreas relevantes para os objetivos desta pesquisa. Optamos pela transcrição apenas essencial às discussões deste tópico e, ainda ressaltamos, que poderiam ter sido incorporados e até mesmo discutidos sobre a luz de outros autores, mas consideramos suficientes esses para demonstrar o poder comunicativo das imagens humorísticas no contexto da educação ambiental.

Quadro 3 – Comentários que evidenciam o poder de comunicação ambiental das imagens

TEMA	QUEM **	CR	COMENTÁRIOS
Desmatamento	FE	1	“... isso é difícil ... precisamos plantar para sobreviver”
	FAC	2	“... tem gente aqui na rua precisando ver isso ...”
Queimadas	FE	3	“mais isso limpa o terreno e espanta os animais sim...”
	FAC	4	“... sua tia joga fogo direto aqui na rua de baixo...”
	FAC	5	“... se não fizer isso bicho entra dentro de casa...”
	APP	6	“falei com meu pai ... ele falou que vai continuar...”
	APP	7	“parei de colocar fogo ... depois do projeto”
Fauna Local	FE	8	“... o que é um bioindicador?...”
	FAC	9	“Que isso, Muriqui?”
	FAC	10	“... eu nunca ouvi falar...”
	APP	11	“Pode até parecer mentira mas eu <i>tbm</i> não conhecia...”
Outros	FAC	12	“não adianta tirar o lixo de lá, povo continua jogando”
	FAC	13	“uai, o caminhão do lixo não passa aqui na porta...”
	FE	14	“kkkkk, quanta criatividade ... genial esse trabalho...”

Fonte: Elaborado pelos autores.

** Quem fez o comentário: APP – Alunos participantes do projeto FE – Funcionários da Escola FAC – Familiares, amigos e comunidade em geral

CR Código referência de cada frase, usados nos parágrafos seguintes.

Nos comentários das temáticas “desmatamento e queimadas”, observou-se discursos que tentam justificar o ato, em que o ser humano se sente dono dos recursos naturais, sem preocupação com o meio ambiente. Tais discursos são observados inclusive na esfera docente, na qual o acesso à informação é mais difundido e refletido (RAMOS e SANTOS, 2018). Nessas temáticas, observou-se ainda a ausência de autorreflexão, percebendo que a culpa e o erro sempre são associados na segunda pessoa, nunca na primeira.

Em relação à fauna local, nas frases 9 e 10, confirmamos uma das hipóteses iniciais levantadas no projeto: o desconhecimento da população da própria riqueza natural. Entre as várias espécies ameaçadas de extinção no Brasil estão os muriquis (gênero *Brachyteles*), o maior macaco americano, que são endêmicos da Mata Atlântica brasileira. Esses mamíferos são categorizados como criticamente em perigo pela lista vermelha da União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN) e encontrados apenas em 14 lugares em todo o

Brasil, sendo a região de Caratinga um deles (MENDES, 2008). Muitos desconheciam essa informação.

Com base nas falas dos estudantes foi possível perceber que algumas pessoas, ao verem as imagens que tratavam da preservação do muriqui, realizaram consultas na internet em busca de mais informações sobre a espécie.

Considerações Finais

A promoção de reflexões ambientais associadas ao desmatamento, queimadas e fauna local é uma tarefa de longo prazo e para muitas pesquisas. Todavia, percebemos que através do humor, da criatividade dos adolescentes e das mídias digitais, conseguimos proporcionar para diferentes públicos, momentos reflexivos e favoráveis ao cuidado e a preservação do meio ambiente.

Nesse projeto os alunos assumiram o papel de protagonistas, indo além do saber empírico e decorado. Eles produziram imagens criativas e lúdicas, influenciadas por uma sequência de aulas teóricas e práticas que, ao mesmo tempo, abriram caminhos para possíveis mudanças de atitudes por parte do público discente e, para além deste, da comunidade local.

Embora o desenvolvimento desta pesquisa tenha evidenciado a necessidade da implementação da educação ambiental de modo mais amplo nas escolas e junto à comunidade, o compartilhamento das imagens humorísticas mostrou-se eficaz e poderoso no contexto da comunicação ambiental. Nessa perspectiva, a criação e divulgação de imagens humorísticas produzidas pelos estudantes se mostrou uma forma eficiente de atingir um público maior e realizar uma comunicação eficaz sobre questões ligadas ao meio ambiente.

Infelizmente, não se dispõe de parâmetros consistentes, que talvez nem existam, para mensurar se houve mudanças de atitudes por parte dos agentes envolvidos no trabalho. A despeito disso, podemos concluir que houve reflexões e questionamentos suficientes para alcançar o objetivo geral da pesquisa.

Sugere-se que, em abordagens semelhantes a essa proposta, os pesquisadores atentem-se para o número de vezes que uma imagem foi compartilhada, pois esse dado pode ser relevante para discussões ligadas ao poder comunicativo das imagens.

Ressaltamos por fim, que embora as imagens tenham mensagens simples, em nenhum momento da pesquisa adotamos uma abordagem reducionista da temática ambiental, o que é confirmado por todas as etapas anteriores às produções e compartilhamento das imagens. É importante destacar esse ponto para que não se confunda e seja possível diferenciar pesquisas com temáticas humorísticas de trabalhos com objetivos apenas humorísticos.

Bibliografia

BARRETO, Krícia Helena. Os memes e as interações sociais na internet: Uma interface entre práticas rituais e estudos de face. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2015.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental. Programa Nacional de Educação Ambiental. Educomunicação socioambiental: comunicação popular e educação. Brasília, 2008.

BRITO, Álvaro de Azevedo Alves; BRITO, Fernanda de Azevedo Alves; BRITO, Marília de Azevedo Alves; OLIVEIRA, Bianca Silva. A Educação Ambiental e a vedação à submissão de animais à crueldade: a ascensão do pós-humanismo e a desconstrução do paradigma

antropocêntrico/humanista em manifestações culturais adversas ao direito animal. ed. São Paulo: Letras Jurídicas, 2017.

BURGESS, Jean. GREEN, Joshua. YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. Tradução de Ricardo Giassetti. São Paulo: Aleph, 2009.

CALIXTO, Memes na internet: entrelaçamentos entre educomunicação, cibercultura e a 'zoeira' de estudantes nas redes sociais. Dissertação (Mestrado). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

DELIZOICOV, D; ANGOTTI, J. A. PERNAMBUCO M.M. Ensino de Ciências: Fundamentos e Métodos. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 2011.

DOBRIN, Sidney I. & MOREY, Sean (eds.). Ecosee: image, rhetoric, nature. New York: Suny Press, 2009.

ESCALANTE, Pollyana Rodrigues Pessoa. O potencial comunicativo dos memes: formas de letramento na rede digital. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social, 2016.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 39 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

GRAGNANI, Juliana. Como “comportamento de manada” permite manipulação da opinião pública por fakes, 2017.

HERRERO, Angel; Martí, Hector San & Garcia-De los Salmones, María del Mar. “Explaining the adoption of social networks sites for sharing user-generated content: A revision of the UTAUT2”. Computers in Human Behavior, 2017.

LÉVY, P. Cibercultura. 1ª edição. São Paulo: Editora 34, 1999.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Ludicidade e experiências lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna. GEPEL/FACED/UFBA, 2002.

MENDES, S. L., de Oliveira, M. M., Mittermeier, R. A. & Rylands, A. B. Brachyteles arachnoides. Red List of Threatened Species, 2008.

RAMOS, Camila Silva; SANTOS, Sindiany Suelen Caduda. Educação ambiental em uma escola ribeirinha do município de estância, Sergipe. REVISEA, Sergipe, 2018.

SHIFMAN, L. Memes in Digital Culture (MIT Press Essential Knowledge Series). MIT Press, 2014.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. In: Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

SOUZA, Maria Alice. Memes de internet e educação: uma sequência didática para as aulas de história e língua portuguesa REVISTA PERIFERIA, 2019.

UNESCO. La educación ambiental. Las grandes orientaciones de la Conferencia de Tbilisi (A educação ambiental. As grandes orientações da Conferência de Tbilisi). Paris, 1985

ZABALA, A. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: ArtMed, 1ª Edição, 1998.

Agradecimentos

A Paola Caroline, Marcos Mendes e Ariane Moura pela leitura crítica.